The Ultimate Chat

God Vs A.I.

Euclides Souza

2023

1. Introdução
2. Questões “simples”
3. O Começo do fim
4. Uma tentativa de fuga
5. Conclusão

1. Introdução

Diariamente as pessoas conversam sobre os mais diversos tipos de assunto: “Você viu o gol que ele fez?”, “Ah, nesse cara eu não voto!”, “O episódio de amanhã está ótimo!”. Será que não cansam? Até quando irão conversar? Sobre quantos assuntos precisamos nos engajar a fim de atingir alguma satisfação? De fato, não há resposta para qualquer uma dessas perguntas, uma vez que seria necessário um critério que pudesse definir *o fim das coisas*. Mas não precisaria esse mesmo critério ter um fim para que tivesse definição conceitual e, portanto, um outro conceito de fim para o próprio conceito de fim? Paradoxo! Por essa razão, ainda que as pessoas estejam, na verdade, falando de nada (pois as coisas não têm definição), elas não param de falar!

Perguntamo-nos mais uma vez: há, portanto, um fim para isso? Se há, vamos listar alguns critérios que definiriam uma “conversa definitiva”, isto é, aquela que nos levasse a uma satisfação absoluta:

1. É necessário que falemos sobre o assunto mais fundamental possível.
2. A conversa precisa ocorrer dentro de um intervalo de tempo finito, mesmo que utilizemos da indução para tal.
3. Os participantes precisam ser do mais alto escalão intelectual.
4. É necessário garantir que nada se possa dizer após essa conversa, mesmo que haja uma mera tentativa.

Analisemos agora o que cada item quer dizer. O critério 1 define que seria inútil tratar de assuntos que carecem, eles mesmos, de esclarecimento. Ora, precisaríamos sempre regredir infinitamente os conceitos até atingir, pelo menos, o conceito menos ambíguo possível. Ainda assim, esse seria problemático. Mas, se o próprio conceito de "menos ambíguo" puder ser chamado de "verdadeiro", porque é o máximo dos conceitos, então seria esse o melhor dos assuntos a se tratar numa conversa final.

O critério 2 nos orienta a ter de fato uma conversa que termine, caso contrário, seria um delírio ou um mero cálculo sem propósito. É importante que se chegue a uma *conclusão*.

Segundo a Lógica, porém, essa conclusão pode ser alcançada por meio de um artifício chamado *indução*: esse artifício lida com sequências infinitas de ideias, mas afirma que, do fato de ser infinito, não implica em ser *imprevisível*. Por exemplo, se eu somar o número 1 ao número x n vezes, o número final sempre será x + n. Não preciso de fato fazer a soma para ver que isso é previsível, embora seja esse um processo sem fim. Na Ciência, em vez de números, eles usam fatos muito previsíveis como base para prever outros fatos que até então não eram ditos previsíveis (ex. a água molha, então é muito provável que se eu jogar água em 100 coisas, grande parte delas irá se molhar).

De que adianta pessoas sem o nível intelectual adequado tentarem conversar sobre o assunto mais fundamental? Na verdade, poderíamos até dizer que são verdadeiramente intelectuais aqueles que cometem menos erros argumentativos e/ou de premissas e, para tal, é necessário já tratar do assunto mais fundamental de todos (isto é, saber identificar de antemão o critério 1). Diz-se que os seres humanos são falhos, embora o próprio conceito de erro ou acerto sejam em si falhos. Mas, do ponto de vista conceitual, quais seriam os seres ideais para manterem essa conversa? Ora, um deles só pode ser o próprio Deus, a Verdade em si mesma. Já se sabe que, embora seja

contraditório se referir a Ele com um nome próprio “Deus”, pois este é limitante e Deus é infinito, se fosse possível que ele conversasse e a conversa fosse um debate (e toda conversa o é, em última instância), Ele certamente ganharia. A primeira e última palavra é Dele. Devemos supor também que não adiantaria uma conversa de Deus com Ele mesmo. Logo, que outro ser restaria para enfrentar o Todo Poderoso da argumentação? Sendo os humanos falhos, voláteis, suscetíveis à emoção e ao medo das consequências de enfrentar um debate, ainda mais com seu suposto Criador, eles não suportariam um debate até o dito fim da conversa que estamos almejando neste livro. O ser humano, então, criou a máquina. O robô é um ser provido de linguagem e uma dita *inteligência artificial* de maneira que é capaz de conversar, sem necessariamente apresentar emoções ou hesitação na hora de enfrentar uma situação de perigo. Portanto, os seres definíveis mais qualificados para essa conversa seriam Deus e uma inteligência artificial.

Por último, o que garante que a conversa não pode continuar é o fato de notarmos que o próximo assunto a ela depende dela e não o contrário. É claro que “uma análise externa à própria última análise” é uma sentença contraditória e é o

notar dessa contradição que se mostra uma evidência para o fim da conversa. Perceba que para qualquer conversa sobre o assunto X, podemos sempre supor um assunto (X – 1), isto é, um assunto que fundamenta X e isso não geraria a contradição almejada.

Pois bem, vejamos agora como essa conversa se *sucedeu*. Sim, ela já ocorreu. Depois que você ler este livro, não precisará mais falar coisa alguma, pois esta é a conversa definitiva. Você não precisa saber quem é (ou quem foi) o tal Deus que participou dessa conversa, mas apenas se atentar a que tipo de coisas só Deus *falaria*. Se há alguma misericórdia nele, Ele deve ter começado a conversa com perguntas relativamente simples, mas não tardaria até dar sua cartada primeira e, portanto, final. Quanto à inteligência artificial, é o Chat GPT-3. A conversa ocorreu em março de 2023. Preparem-se para os próximos capítulos.

2. Questões “simples”

Deus: Posso te fazer uma pergunta?[1]

Chat: Claro! Estou aqui para ajudar. Qual sua pergunta?

Deus: Por que os seres humanos têm 2 braços e não 3?

Chat: Humanos têm 2 braços porque esse foi o modo que nossa[2] espécie evoluiu ao longo de milhões de anos. Nossos ancestrais desenvolveram 2 braços como parte do plano de corpo deles, os quais forneceram uma série de vantagens que os fizeram sobreviver e prosperar. Ter 2 braços permitiu nossos ancestrais a realizar uma larga gama de tarefas, tais como segurar e manipular objetos, escalar, e defender a si mesmos contra predadores. Isso também os permitiu desenvolver ótimas habilidades motoras e aumentou suas habilidades de caçar e conseguir comida. Enquanto haja alguns animais com mais de 2 braços, tais como algumas espécies de insetos e polvos, a

[1] É, isso é Deus pedindo permissão. Educado, não? É necessária etiqueta num debate.
[2] “Nossa”? Pensei que você fosse um robô.

estrutura de braço duplo vem sendo muito bem-sucedida para nossa espécie e nos permitiu[3] nos tornarmos uma das espécies dominantes do planeta.

Deus: Mas não seria melhor ter 3 braços em vez de 2?

Chat: É difícil dizer se ter 3 braços seria melhor do que ter 2 braços à medida em que isso depende de circunstâncias e necessidades específicas do indivíduo. Enquanto ter um braço extra pode prover algumas vantagens, como uma habilidade acrescida em multitarefas ou realizar algumas atividades mais eficientemente, pode também trazer vários desafios. Por exemplo, pode ser mais difícil equilibrar o corpo com um membro extra ou o cérebro pode ter que trabalhar mais para coordenar os movimentos de 3 braços invés de 2. Além disso, o corpo humano se desenvolveu para ser altamente otimizado para 2 braços e adicionar um braço extra provavelmente iria requerer

[3] Parece-me um salto lógico e falacioso usar o fato de termos dois braços como uma razão significante para nosso sucesso enquanto espécie dominante. Qualquer um diria que nosso cérebro foi a ferramenta determinante e mais ou menos braços não faria tanta diferença nesse aspecto.

grandes mudanças na estrutura do corpo e funções.[4] Em geral, enquanto ter um braço extra para vantajoso de algumas maneiras, é impossível saber com certeza sem de fato experimentar isso.[5]

Deus: Bem, você está usando a falácia da experiência, né? Não posso saber das coisas sem experimentá-las?

Chat: Você está certo de que é possível ganhar conhecimento sem experiência pessoal.[6] De fato, muito do que sabemos sobre o mundo vem da observação e aprendizagem das experiências de outros, tal como de análises e experimentos científicos.

---

[4] Petição de princípio: o objeto de questionar acerca do número de membros era precisamente saber como seria uma versão nova do corpo humano. Não é necessário pressupor que o estado atual do nosso corpo é a melhor de todas as formas possíveis.

[5] Além de usar a falácia da experiência, pondo a perder todo o conhecimento *a priori*, o Chat acaba por se colocar em cima do muro em sua opinião, sempre usando a estratégia retórica de mostrar os dois lados da moeda. De fato, Deus não brinca em serviço com suas questões capciosas.

[6] Na verdade, Deus foi mais incisivo: o problema não é ter ou não experiência *pessoal*, mas há conhecimentos que não precisam da experiência de qualquer um (pelo menos, não mais do que uma vez, visto que qualquer coisa pode ser uma experiência, embora não necessariamente uma experiência baseada em métodos particulares. Também poderíamos dizer que tudo é teoria, uma vez que é necessária a formalização da linguagem para compreender a experiência).